

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

BRUNA DE MELO VITORINO

**“A MELHOR PROFISSÃO PARA UMA MULHER É SER PROFESSORA”:
MEMÓRIAS DA PRESENÇA DE MULHERES NA EDUCAÇÃO E PROFISSÕES DE
CUIDADOS**

UBERLÂNDIA

2021

BRUNA DE MELO VITORINO

**“A MELHOR PROFISSÃO PARA UMA MULHER É SER PROFESSORA”:
MEMÓRIAS DA PRESENÇA DE MULHERES NA EDUCAÇÃO E PROFISSÕES DE
CUIDADOS**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Pedagogia a distância da
Universidade Federal de Uberlândia, como pré-
requisito para obtenção do título de graduação
em licenciatura em pedagogia.**

Orientadora: Elenita Pinheiro de Queiroz Silva

**UBERLÂNDIA
2021**

Dedico esse trabalho às mulheres da minha vida, minhas avós, minha mãe, minha irmã, primas e tias e a todas as minhas professoras/orientadoras que me inspiraram a ser a mulher e professora que sou hoje.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as mulheres que inspiraram a construção desse trabalho, que me deram suporte e me fizeram acreditar na força das mulheres e me incentivaram e inspiraram na carreira docente.

À minha mãe, Débora, por ser a primeira referência em tudo na minha vida pessoal e profissional tudo que aprendi foi com você.

Às minhas avós, Neli e Deca, por me ensinarem com o exemplo, a força da mulher brasileira e garra, vocês são exemplos de superação de força e de amor.

À minha irmã, por ser minha confidente, amiga companheira de todas as horas, mesmo tão diferente de mim, aprendemos juntas desde que nascemos.

Às minhas tias e primas que me mostraram o que é a amizade, companheirismo a troca de experiências e a da família.

A todas as minhas professoras e orientadoras que me ensinaram, além do conteúdo teórico, mostraram-me como ser professora, por meio do exemplo e todos os ensinamentos ao longo de tantos anos na faculdade e na escola, em especial agradeço à minha tutora Silvani e à minha orientadora Elenita.

Às minhas colegas de faculdade, as duas Ana Paula, Fernanda e a Dayana por me incentivarem a continuar o curso de Pedagogia, por estarem comigo e por acreditarem no meu potencial e força.

Obrigada a todas vocês que me fizeram acreditar na força e potência do feminino que está em você, mas também está em mim, mesmo que a sociedade tente nos dizer todos os dias o contrário.

A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo (ADICHIE, 2015, p. 28).

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem por objetivo refletir sobre a inserção das mulheres na docência. Do ponto de vista metodológico, o trabalho configura-se como memorial descritivo, cuja fonte para análise foram as memórias e lembranças formativas da autora. As reflexões realizadas permitiram problematizar o processo histórico da constituição das escolhas profissionais e formativas e as lutas das mulheres por melhores salários, por mais valorização da profissão docente. A partir da reflexão da nossa história pessoal, concluimos que, enquanto mulheres, professoras, profissionais da docência ou de outros espaços é imprescindível considerarmos o processo histórico e os comportamentos que (re)produzimos na sociedade. Nossas escolhas e histórias revelam os contextos sociais, políticos e econômicos mais amplos.

Palavras-Chave: Gênero, Mulher, Docência.

ABSTRACT

This course conclusion work aims to reflect on the insertion of women in teaching. From a methodological point of view, the work is configured as a descriptive memorial, whose source for analysis was the formative memories and memories of the author. The reflections carried out allowed us to problematize the historical process of the constitution of professional and training choices and the struggles of women for better salaries, for greater appreciation of the teaching profession. Based on the reflection of our personal history, we conclude that, as women, teachers, teaching professionals or other professionals, it is essential to consider the historical process and the behaviors that we (re)produce in society. Our choices and stories reveal broader social, political and economic contexts.

Keywords: Gender, Woman, Teaching.

SUMÁRIO

1.0	INTRODUÇÃO	09
2.0	TRAJETÓRIA PESSOAL	11
2.1	No Nascimento e Infância	11
2.2	Nas Escolhas profissionais	13
2.3	Na Universidade	14
2.4	No Mestrado	16
2.5	No Mercado Profissional	18
2.6	Na Pandemia da COVID-19	23
3.0	DISCUSSÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	25
4.0	CONCLUSÃO	30
	REFERÊNCIAS	32

1.0 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso tem por objetivo refletir sobre a inserção das mulheres na docência. Isso, tendo como ponto de partida o contexto histórico que atribuiu e atribui à mulher a tarefa de cuidar e que, conseqüentemente, levou muitas mulheres ao caminho da docência.

Percebe-se predominantemente um número maior de profissionais mulheres na educação do que homens, além desse fato histórico, outros fatores contribuem para que os cargos na educação sejam ocupados por mulheres. Numa sociedade machista, o que levanta outras questões a se pensar, sendo essa uma área predominantemente feminina, quais as conseqüências desse fato numa sociedade patriarcal, machista, sexista. Sendo assim, é importante colocar esse tema em voga, principalmente diante do cenário histórico em que diversos desafios são colocados para as mulheres e a educação brasileira.

Os objetivos do trabalho foram, portanto, refletir sobre como se configura a inserção das mulheres na docência, bem como as conseqüências dela para a área da educação, a partir do resgate das minhas memórias. A partir das minhas lembranças e memórias de formação, construí diálogos com autores/as que discutem a profissão docente e a participação das mulheres nesse campo. Também apresento leituras que apontam o memorial como possibilidade de produção de conhecimento. Na grande área da Educação, como também na área da História, a memória é importante fonte de pesquisa. Ela é referência para a constituição do campo das Histórias de vida e formação.

Mobilizei, por minhas memórias, pessoas que foram/são minhas inspirações para a discussão sobre a presença das mulheres na profissão docente. Entre elas, está a minha mãe. Ela é professora e muito me inspirou em minha escolha pelo curso de Pedagogia, bem como para a produção deste trabalho. A escolha do Curso e a minha escolha profissional é marcada por uma frase que escutei repetidas vezes de minha mãe, quando eu era criança, e ainda ressoa em minha mente: **“a melhor profissão para uma mulher é ser professora”**.

Ao longo do trabalho, procurei desvelar o significado dessa frase em minha vida e dentro do contexto social, político e formativo muito mais amplo com a intenção de problematizar e desvelar o que a minha mãe me ensinava com a frase que marca a minha vida. Este trabalho apresenta a seguinte estrutura de escrita: Na primeira

parte do trabalho, consta o memorial da autora, e ela está subdividida em seis partes nas quais apresento fatos da minha trajetória - do nascimento à minha vida adulta. Na segunda parte, realizo a análise das minhas memórias apontando, a partir de referências teóricas, para o quanto fatos vivenciados no cotidiano da vida das mulheres se relacionam com movimentos mais amplos da sociedade. Nas considerações finais, apresento sínteses relativas ao tema questões abordadas no trabalho, não fechando a discussão sobre o tema; que deve ser pesquisado cada vez mais na nossa sociedade, para romper com preconceitos e estigmas criados nos contextos escolares, familiares, enfim, nos contextos socioculturais.

2.0 TRAJETÓRIA PESSOAL

A história aqui relatada se divide em seis partes, cada uma delas se passa em uma cidade, em cada uma foram vividos momentos marcantes que dizem respeito a momentos da minha vida pessoal e familiar.

2.1 No Nascimento e Infância

Lavras, cidade universitária localizada no sul de Minas Gerais, estado brasileiro localizado na região Sudeste do país. Essa primeira parte, é marcada pela forte presença da minha família. Tudo começou no dia 27 de agosto de 1991, quando nasceu na Santa Casa de Misericórdia da cidade referida, uma criança que foi identificada como pertencente ao sexo biológico feminino e foi designada pelos profissionais da saúde e seus pais como menina. A ela foi atribuído o nome Bruna de Melo Vitorino. Filha de Débora Fernandes de Melo Vitorino e Carlos Augusto Vitorino. Naquela data toda família se alegrou, pois mais uma neta chegava para alegrar a vida das avós e dos avós: Neli, Antônio, Maria Emília e Walter. Os quatro, por sinal, estavam em uma viagem de navio pelo país durante o nascimento da nova neta.

O meu nascimento foi considerado pela família a primeira vitória, pois, em função do atraso no parto, ocorreu uma hemiparesia que foi tratada na cidade de Belo Horizonte. Naquele momento de luta a família esteve sempre unida para vencer o desafio. Apesar de todos os desafios desse período, houve um acontecimento importante: após o período de tratamento em Belo Horizonte, o retorno a Lavras foi marcado por várias sessões de fisioterapia. O que acabou por despertar o interesse de minha mãe, Débora, pela fisioterapia e fez com que ela escolhesse essa profissão para seguir carreira.

Na época, ela trabalhava com minha avó na livraria e papelaria dela, fazia faculdade de contabilidade no período noturno em outra cidade, ela e meu pai iam e voltavam todos os dias, foi quando, depois de todos os tratamentos que passei, minha mãe trancou a faculdade de Contabilidade e nunca mais voltou, prestou vestibular para faculdade de fisioterapia e fez na UNILAVRAS. Uma faculdade que ficava na esquina da casa da minha avó (e até hoje estão na mesma localização a casa e a faculdade) e, então, com uma recém-nascida, minha mãe retorna para a faculdade.

E, hoje, eu não consigo nem mensurar as dificuldades que ela enfrentou para cursar uma faculdade integral nesse contexto.

Segundo seu relato, ela disse que entregava jornais de madrugada e ia para a aula. Meu pai também teve que abrir mão dos estudos naquele momento para que ela pudesse estudar, e ele trabalhar mais. Nos dias atuais, com duas filhas, minha mãe é uma pessoa muito positiva e fala somente dos aspectos positivos dos momentos. No entanto, dias atrás, ela presenciou o caso de uma aluna que estava querendo desistir do curso pela disciplina de anatomia - que é uma disciplina difícil do curso -, e ela compartilhou com essa aluna o quanto foi igualmente difícil, pois se recordou do episódio em que eu passei a noite inteira com pneumonia, passando mal acordada, e ela cuidando de mim, mal pode estudar e, no outro dia, levantou-se e foi para a faculdade fazer a prova de anatomia dela. Essa é apenas uma das muitas dificuldades que minha mãe vivenciou na faculdade, entretanto sei que ela se formou com mérito, pois, assim que se formou, já foi convidada para ser docente do curso da universidade onde atuou por dez anos. Além disso, teve a oportunidade de ter a experiência como coordenadora de extensão nessa faculdade.

Em Lavras, o bebê que nasceu no dia 27 de agosto foi crescendo e ali vivenciou seus primeiros momentos, inclusive seu ingresso na escola. Minha primeira escola foi o Instituto Presbiteriano Gammon, uma escola tradicional e particular da cidade, que se localizava próximo à casa onde morava com meus pais e minha irmã Letícia de Melo Vitorino, que nasceu em 1993. Nessa escola escrevi as primeiras palavras, no período pré-escolar, antes mesmo de saber ler e escrever. O primeiro contato com o ambiente escolar - período de socialização - conheci os meus primeiros amigos e amigas, minhas primeiras amizades; o que, entretanto, foi por pouco tempo, nem chegando a completar o Ensino Fundamental I neste instituto.

Como a escola era da rede privada, as mensalidades começaram a ficar altas para a minha família. O alto custo fez com que meus pais me transferissem para o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, instituição também particular, regida por uma Congregação de freiras católicas. No entanto, o Colégio concedeu bolsa de estudo, e, assim pude continuar os meus estudos nela. A escola foi muito marcante na minha história, uma vez que foi onde passei a maior parte da minha infância e adolescência - nela cursei até o ensino médio. Fiz muitos amigos, convivi com diversos profissionais que foram, para mim, referência e que deixaram boas marcas em minha vida.

Um dos fatos mais marcante nesse período escolar foi o meu despertar para o teatro, pois havia diversas apresentações teatrais em datas comemorativas como dia dos pais, dia das mães e datas religiosas, todas realizadas pelos alunos e alunas dela. Outro fato marcante foi as chamadas “olimpans”: competições esportivas que envolviam a escola inteira durante uma semana.

O Colégio de Lourdes trouxe muitas amizades duradouras, assim como foi o local de encontro com uma pessoa muito especial: meu marido, Marllon Henrique Leandro. Conhecemo-nos no dia 31 de agosto de 2005 e namoramos por 10 anos até nos casarmos em abril de 2015.

Em 2007, a Universidade de Lavras, onde minha mãe trabalhava, abriu um colégio universitário, assim a universidade passou a ter também um colégio com Ensino Médio e Fundamental, onde eu e minha irmã ganhamos uma bolsa e estudamos lá por um ano e meio, eu fiquei do primeiro ao segundo ano do ensino médio nesta escola, até que minha mãe foi demitida. A demissão dela ocorreu devido a questões financeiras do curso de Fisioterapia da UNILAVRAS, faculdade particular da cidade, com número reduzido de alunos o número de professores foi encolhido conseqüentemente, e com isso minha mãe foi uma das professoras demitidas. Assim, voltamos a estudar no Colégio de Lourdes, por pouco tempo, pois minha mãe logo foi aprovada em um concurso público para docente efetiva do curso de fisioterapia, na Universidade Federal do Vale Jequitinhonha e Mucuri, em Diamantina, Minas Gerais, Brasil.

Além dos colégios, minha família teve grande influência na primeira fase da minha história. A crença religiosa esteve sempre muito presente no lar em que nasci. Meus avós e pais eram espíritas, crença que foi passada de geração em geração em minha família, e, em razão disso, frequentamos o grupo de jovens do Centro Espírita Augusto Silva, lugar onde eu realizava trabalhos como voluntária na creche, grupo de teatro, grupo de visitas na hemodiálise do hospital e evangelização infantil espírita.

2.2. Nas Escolhas Profissionais

A segunda parte dessa história começa na pacata cidade de Diamantina, uma cidade histórica e famosa no estado de Minas Gerais, onde nasceu o ex- presidente Juscelino Kubitschek. Eu, minha irmã e minha mãe nos mudamos para a nova cidade, uma vez que, em função da demissão de minha mãe da universidade privada

UNILAVRAS, ela passou no concurso público para lecionar no curso de fisioterapia da Universidade Federal do Vale Jequitinhonha e Mucuri.

Nessa nova cidade, minha irmã e eu fomos sorteadas e conseguimos uma vaga no Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Minas Gerais, escola tradicional do estado de Minas Gerais, escola na qual concluímos o Ensino Médio, e, a partir daí, comecei a pensar em uma profissão. Em 2009, prestei o vestibular para o Curso de Serviço Social na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como primeira opção. Minha opção de escolha pelo Curso de Serviço Social foi ainda em Lavras, quando em um dos trabalhos do centro espírita, visitamos o setor de hemodiálise da Santa Casa de Lavras, e no contato que tive com uma assistente social que ali trabalhava, gostei muito do trabalho a identificação com o que ela fazia me fazia querer fazer aquilo o resto da minha vida, por ser um trabalho vinculado a colaborar com a vida das pessoas. Isso realmente me motivou e contribuiu para fazer diferença na vida daqueles pacientes. A escolha pela UFTM se justifica porque esta instituição se localiza na cidade de Uberaba-MG, onde meu então namorado Marllon residia.

2.3 Na Universidade

A terceira parte dessa história começa na cidade de Uberaba, Minas Gerais, para onde me mudei no ano de 2010 e iniciei minha vida acadêmica, que foi muito bem aproveitada. No início morei em um pensionato com cinco meninas e a responsável, D. Terezinha. Foi um ano de muitas mudanças e grandes responsabilidades: afastada de minha família, em uma cidade até então desconhecida, aprendi muito e foi muito importante o apoio do Marllon, meu companheiro em todos os momentos de alegria e dificuldades.

No primeiro ano na UFTM e em Uberaba, inseri-me em várias atividades - acadêmicas e religiosas. Comecei a frequentar um centro espírita, onde eu colaborava nos trabalhos assistenciais, servindo a sopa nos fins de semana para pessoas carentes. Na Universidade comecei minha inserção na pesquisa no projeto intitulado "Saúde e qualidade de Vida da Mulher atendida pelo NASS-UFTM" sob orientação da professora Regina Farinelli e as estudantes Josiane Bontadine e Paula Freitas, minhas amigas e confidentes. Inseri-me também no primeiro projeto de extensão, um projeto multidisciplinar, desenvolvido em uma escola pública no distrito de Uberaba chamado Peirópolis. Este projeto era coordenado pela professora Isabel Saúde,

médica da UFTM do qual faziam parte dois alunos de todos os cursos da área da Saúde. O projeto foi um desafio, pois as atribuições do Serviço Social não eram precisas para as pessoas que integravam o projeto. Do curso de Serviço social, participamos eu e a Anne Luz, que se tornou minha melhor amiga durante a graduação. Fazíamos tudo juntas e, no segundo ano, fomos morar juntas em uma república. No primeiro ano, fizemos uma disciplina intitulada Estudo de Projetos I, em que nós duas e mais alguns colegas realizamos um projeto de pesquisa sobre a influência da mídia na educação escolar, sob orientação da professora Graziela Giusti Pachane.

Na república para onde me mudei em 2011, chamada "Sutiã Molhado", morávamos: eu, a Anne (da minha sala), a Gabriely (estudante do curso de Terapia Ocupacional) e a Letícia (estudante do curso de Serviço Social). Com essas mulheres, aprendi realmente o que é viver em grupo, como é difícil respeitar limites e conviver com pessoas que não conhecia até então. Passamos por momentos que nunca vou esquecer.

No segundo ano da universidade, comecei a entender melhor o que representava o Serviço Social e me apaixonei pelas matérias específicas. Fui monitora voluntária na disciplina de Fundamentos Históricos do Serviço Social, sob orientação da professora Martha Farineli, que me orientou também na escrita de um projeto de iniciação científica no qual pesquisamos a inserção do Assistente Social nas escolas.

Assim, crescia o meu interesse pela pesquisa. Em outro momento do curso, participei como bolsista em um projeto que pesquisava a educação superior, sob orientação da professora Dra. Graziela Giusti Pachane. Além disso, também colaborei em um projeto de extensão junto aos profissionais da saúde que pesquisavam a exploração sexual infanto juvenil- o PAIR.

O terceiro ano do curso foi muito especial, já que me aproximei da prática profissional nos campos de estágio. O primeiro foi na Secretaria Municipal de Saúde, sob a supervisão profissional de Serviço Social: Dolvina. Foi uma experiência muito enriquecedora, entretanto não me identifiquei com a área da saúde, então fui procurar estágio na área da criança e adolescente ou educação. Consegui na Casa Lar do Hospital do Pênfigo em Uberaba. Fui supervisionada por Maylla durante seis meses, gostei muito desse estágio e tive maior contato com a área jurídica, pois a casa lar tinha a guarda de todas as 20 crianças que ali moravam. Nesse projeto tive a experiência do trabalho multiprofissional. Uma experiência fundamental para minha

formação enquanto pessoa e enquanto mãe. Aqui, vale ressaltar que estou, no momento em que escrevo este Trabalho de Conclusão de Curso, há sete meses na fila de adoção, à espera da minha filha ou filho.

Além do estágio no penúltimo ano do Curso de Serviço Social, continuei participando do projeto de pesquisa coordenado pela Professora Graziela Giusti Pachane e do projeto de intervenção, da disciplina Estudos de Projetos IV, desenvolvido na Casa de Acolhida Marista, sob orientação da Professora Gabriela Abraão.

E, por fim, o último estágio foi na Casa da Acolhida Marista, além de aprender mais sobre a área criança e adolescente, conheci um pouco do trabalho do assistente social na educação. Como a Casa da Acolhida era mantida pelo Colégio Marista, terminei participando do processo de bolsa do colégio no final do ano. Nesse estágio, fui supervisionada por duas assistentes sociais, primeiro a Ana Paula e segundo a Giovanni que me ensinaram muito a respeito do fazer profissional, elas me apresentaram, na prática, as três dimensões profissionais do serviço Social: técnico operativa, teórico metodológica, e ético político.

No último ano, concentrei-me na escrita do meu primeiro Trabalho de Conclusão de Curso. Além do estágio, fui monitora da disciplina de pesquisa, orientada pela professora Michelle. Assim, comecei a pensar desde o mês de julho de 2014 no processo seletivo do mestrado, escrevendo o projeto, dedicando-me, estudando e pesquisando as universidades onde faria o mestrado em Serviço Social. A participação em projetos de pesquisa, de ensino e de extensão na universidade, despertou em mim o interesse pela carreira docente.

Após a conclusão do curso de graduação, realizei dois processos seletivos para o Programa de Pós-graduação em Serviço Social, na Universidade Federal de Juiz de Fora e na Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho- UNESP, neste último fui aprovada.

2.4 No Mestrado

Na cidade de Franca- SP, começa mais uma etapa dessa história, nessa cidade comecei meu mestrado acadêmico em Serviço Social na Unesp. Na pós, tive também a oportunidade de conhecer pessoas muito importantes a começar pela minha companheira de todas as horas Ligia Nobrega, minha amiga que, além de dividir o

apartamento comigo, divide as experiências boas e ruins. Fizemos praticamente tudo juntas, pois ela estava fazendo doutorado e também pesquisava a área da educação, então as disciplinas que cursamos eram, em sua maioria, em comum.

A troca de conhecimento com a Lígia e com os demais colegas do mestrado foi muito intensa, as disciplinas foram bem aproveitadas, uma vez que tive dedicação exclusiva no ano de 2015. Além de conhecer minha orientadora Célia Maria David, que muito tem colaborado com a minha formação.

No ano de 2015, aconteceram alguns acontecimentos significativos: casei-me com meu primeiro namorado, e fomos morar em Uberlândia. Nessa nova cidade me propus a dedicar-me à escrita da minha dissertação, começamos a ter mais contato com o mundo da educação. Na condição de esposa de um professor, pude acompanhar de perto o dia-a-dia da sala de aula. Marllon, naquele momento em 2015, recém-formado, fazendo mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia na UFU, corria atrás de vagas de trabalho por meio dos processos seletivos chamados de designações, que ocorrem nas escolas estaduais de Minas Gerais, em que se selecionam professores para trabalhar nas escolas por um tempo determinado. Ao mesmo tempo, em mim, pulsava a necessidade e a vontade de atuar no mercado de trabalho como Assistente Social. Procurei algumas vagas de trabalho, e, em junho de 2016, fui aprovada no processo seletivo na Prefeitura Municipal de Uberlândia para trabalhar na área da habitação, com programas habitacionais. Fui aprovada também em um concurso da FUNDASUS, uma organização sem fins lucrativos, OSCIP responsável pela gestão da saúde no município de Uberlândia, que nunca foi realizada a nomeação devido a questões da própria OSCIP, que foi extinta.

A partir do segundo semestre de 2016, Marllon começou a ministrar aulas em escolas na cidade de Araguari-Minas Gerais, visto que, em Uberlândia, havia muita concorrência para as vagas de designação e, como as cidades eram próximas, conseguia ir e voltar todos os dias, foi aí que ele começou a lecionar na Escola Raul Soares em Araguari, onde ficou por apenas oito meses, pois logo conseguiu uma bolsa de mestrado, sendo possível se dedicar de forma integral ao curso.

Enquanto isso, a minha bolsa de mestrado estava terminando e, por meio de uma amiga assistente social, chamada Patrícia, entrei em contato com a Política de Prevenção à Criminalidade. Passei nesse processo seletivo para vaga em Araguari, porque como meu esposo, Marllon já tinha lecionado em Araguari, já conhecíamos a cidade.

2.5 No Mercado Profissional

Em Araguari, em 2016, começa um novo capítulo da minha vida. Aqui me fiz profissional, comecei a trabalhar na CEAPA - Central de Alternativas Penais, meu primeiro emprego como assistente social. Tive oportunidade de me tornar profissional, deixar de ser estudante de graduação ou de mestrado, para ser assistente social.

Junto a uma equipe multiprofissional- assistente social, psicóloga e advogada - atuava na política de prevenção a criminalidade no programa CEAPA com medidas alternativas ao sistema prisional, junto ao sistema judiciário recebíamos sujeitos que cometeram algum crime para prestação de serviço à comunidade, ou para grupos socioeducativos. O trabalho consistia em receber essas pessoas vindas de uma audiência judicial, em que o juiz do juizado especial ou da Vara Criminal determinava uma pena a ser cumprida e, além dessa, atuava nas expressões da questão social presentes na vida dessa pessoa.

O trabalho que realizava enquanto analista social da CEAPA era o atendimento, acolhimento inicial e, a partir dele, a equipe identificava as demandas sociais na vida desses sujeitos que eram encaminhados do sistema judiciário para a CEAPA.

O trabalho era realizado com a rede, e se o cumpridor viesse com a pena da PSC- Prestação de Serviço à Comunidade, ele era encaminhado para uma instituição, em sua maioria uma escola ou órgão da prefeitura para realizar trabalho voluntário. Os cumpridores do art. 28 da lei 11390 ou os cumpridores de lesão corporal, enquadrados na Lei Maria da Penha, eram encaminhados para grupos socioeducativos.

Nesses grupos, eram realizados dez encontros que eu conduzia junto à equipe, por meio de realização de trabalho pedagógico. Para isso, lançava mão de recursos lúdicos, de rodas de conversas para abordar temas como a comunicação não violenta, a violência, o uso de drogas, projeto de vida dentre outros temas. Esse foi um trabalho desafiador, que me fez crescer muito enquanto pessoa. Minha autoconfiança, saber que sou, realmente, uma ótima assistente social, vai se confirmar logo a seguir. Por mais que tenha sido apenas a minha primeira experiência atuando como Assistente Social, eu me destaquei, pois o fazer para mim sempre foi muito natural, sempre foi muito fluido. Toda a rede de proteção de Araguari passou a me conhecer como profissional.

Entretanto, tudo seria muito lindo se não vivenciássemos e vivêssemos em um sistema capitalista que sucateia as políticas públicas, e não é diferente na política de prevenção à criminalidade. Como não éramos concursadas a política era, e ainda é, de governo e não de Estado, ou seja, a gestão foi transferida para uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público-OSCIP e, no meu caso, estava empregada pelo IJUCI- Instituto Jurídico para efetivação da cidadania. O Instituto tinha metas e números para cumprir e apresentar ao Estado, e, não alcançando resultados satisfatórios em um ano, perderia o contrato, E isso aconteceu, conseqüentemente, vivi a minha primeira experiência de demissão da vida, o período de transição chamado na política de prevenção, tão temido e já conhecido pelos profissionais que vivem essa instabilidade. Em 2017, houve essa transição e eu fiquei desempregada.

Esse momento, então, foi uma oportunidade de pensar, refletir e realinhar a rota. Procurei muitos empregos, e, enquanto assistente social, boa virginiana que sou, o controle faz parte de mim. Estar desempregada, por mais que estivesse assegurada com o seguro desemprego, não me fazia sentir em uma posição confortável. Nesse instante, repensava o que eu queria fazer para o resto da minha vida, e foi nele que me veio à mente a educação. O que eu quero ser? No que eu quero trabalhar? A resposta sempre foi a educação. Fiquei pensando que, quando eu estava na graduação de Serviço Social, fiz muitos projetos de iniciação científica e extensão e até estágios todos voltados para a educação. É o alvo que me brilha os olhos, área que me sinto bem, apesar de gostar também de ser Assistente Social, por isso fui para o mestrado direto, pois minha pretensão era atuar como docente.

Então, prestei o doutorado em serviço social na UNESP, o doutorado em Educação na UFU e o vestibular na UFU para o curso de Pedagogia, fui aprovada em ambos, entretanto naquele momento o que meu coração pediu foi que eu fosse para a graduação. Seria um novo desafio, um novo caminho que me abriria muitas portas e novamente soou em minha mente a frase que minha mãe sempre me disse: “a melhor profissão para uma mulher é ser professora”. Eu tinha plena convicção de que esse era o melhor caminho, uma vez que aí já começou a pulsar em mim a vontade de ser mãe também.

Foi assim que ingressei no curso de Pedagogia na Universidade Federal de Uberlândia: fiz o vestibular e sem acreditar fui aprovada. Iniciava assim a minha primeira experiência de um curso a distância, que foi meu próximo desafio, acredito e sempre acreditei em uma educação de qualidade. Nesse sentido, a educação sempre

foi prioridade ao longo da minha vida e fazer um curso de qualquer forma nunca foi uma opção para mim, logo percebi que a graduação a distância seria uma experiência totalmente nova, que me exigiria um pouco mais de disciplina e organização, coisas que não me faltaram ao longo dos quatro anos de caminho na Pedagogia. Em um curso a distância, se eu não procurasse a qualidade, o comprometimento e a organização de um cronograma para estudar, seria fatalmente prejudicada. Além disso, apesar de a distância, o calor humano sempre esteve presente ao longo dos quatro anos, fiz amizades que vão, com certeza, ficar para sempre. Também tive professores e tutores que me marcaram e me ensinaram muito.

Entrei no curso e voltei a trabalhar na CEAPA, depois de seis meses desempregada fiz novo processo seletivo, dessa vez fui aprovada em primeiro lugar, e voltou a política de prevenção bem diferente. Com a maior nota de Araguari, voltei mais confiante, sabendo que realmente eu estava ali, não porque eram poucas concorrentes numa cidade pequena como foi na primeira vez, mas saí da entrevista com a confiança de que ninguém sabe fazer como eu faço esse trabalho. Nesse novo tempo, a jornada seria peculiar: numa OSCIP diferente, o Instituto ELO, vivenciar novas experiências com a equipe diferente, reduzida, mas com estagiária. Sobre ela, gostaria de registrar que essa mulher se tornou uma amiga e confidente, a Kelly, vejo-me muito nela, somos muito parecidas temos os mesmos ideais, a mesma vontade de mudar o mundo e o mesmo respeito pelos usuários que nos procuram. Como supervisora de estágio, tenho profunda admiração pela minha primeira estagiária, que me ensinou muito e que concretamente me oportunizou a realização de um sonho: estar em sala de aula, sim, ela estudava na UNIPAC, em Uberlândia e, na primeira oportunidade, indicou-me como professora. Disse ao coordenador do curso o quanto eu era boa enquanto assistente social e que sempre comentava o meu sonho em lecionar - que ainda não tinha se concretizado - e, assim o Rafael, coordenador do curso, entrou em contato comigo em julho de 2019 e me ofereceu uma vaga de orientadora educacional, em que teria por função orientar vinte trabalhos de conclusão de cursos, monografias dos alunos do oitavo período de Serviço Social. E eu fui, trabalhei seis meses como professora.

Eu já estava cursando Pedagogia, trabalhava na CEAPA e passei a ministrar aulas no curso superior de Serviço Social da UNIPAC. Foi uma experiência incrível, estar na faculdade, na docência, na educação, é algo que para mim flui, é natural, não é pesado nem complicado. Naturalmente, orientei o trabalho de conclusão de curso

de uma turma inteira de oitavo período, havia muitos temas desde inserção do Serviço Social na educação, criança e adolescente, violência doméstica, saúde, ética, idoso dentre outras abordagens que me debrucei, estudei e foi muito bom. Ademais, lecionei algumas palestras na universidade e, até hoje, sou convidada para participar dos eventos como palestrante. Nessa experiência, o contrato durou apenas seis meses, entretanto tive a oportunidade de estar em sala de aula, de orientar alunos, de voltar à pesquisa, de ler, de participar de eventos acadêmicos, inclusive em Brasília. É possível afirmar que, pessoalmente, foi um ano muito difícil também, pois eu tentava engravidar, porém não conseguia. Todo mês era um novo “aborto” de sonhos, mas profissionalmente estava realizada, com a prática e com sala de aula, uma vez que, finalmente, tornei-me professora como sempre sonhei desde a primeira graduação e tenho certeza de que toda minha trajetória acadêmica me levou a esse lugar.

Nesse contexto, fui muito acolhida por todo corpo docente da universidade, era muito bem tratada e exaltada por ter o mestrado, destacava-me no corpo docente em uma universidade particular; isso representa muito. Por ser particular, esse era um ambiente totalmente novo para mim, visto que minha formação completa em universidades públicas, na UFTM e na UFU, além de trabalhar em uma política pública. Portanto, o ambiente privado foi inédito: a precarização do trabalho docente acentuada em graus que nunca antes presenciei. Contudo, como foi minha primeira experiência, lancei-me de cabeça, fiquei cansada; em dezembro de 2019, cheguei a ter vinte bancas de TCC dos meus alunos, capacitação da CEAPA em Belo Horizonte em uma mesma semana. Além disso, ainda havia as provas, as atividades e a finalização do semestre do curso de Pedagogia, sim eu estava sobrecarregada com muita coisa acontecendo. 2019 foi um ano exaustivo e de muito trabalho.

Eu e o Marllon nos concentramos muito na nossa vida profissional, ele lecionava em duas escolas e, no meio do ano de 2019, começou a ministrar aulas no Colégio Tiradentes da Polícia Militar, mas essa é uma outra história. Enquanto filho de policial e ex-aluno do Colégio Tiradentes, realizou-se com o seu ingresso nela, contudo continuou a dar aulas no Estado na Escola São Judas Tadeu, e, ao mesmo tempo, iniciou um Curso de Pós-graduação no IFTM de Tecnologias e Educação. Eu estudava de manhã, trabalhava na CEAPA à tarde e lecionava na UNIPAC à noite. Enquanto casal, nós sabíamos que aquele era um momento, que ia passar. Deveríamos aproveitar para nos concentrar em nossa vida profissional, já que tentávamos ter filhos de forma biológica, todavia não conseguimos; vários testes de

gravidez foram feitos neste ano; além disso, morávamos em um apartamento que não gostávamos. Portanto, vale ressaltar que foi um período bastante estressante.

Então, veio 2020, e o que dizer de um ano em que a vida de todas as pessoas mudou? Foi um ano diferente com a gente, foi um ano de desacelerar, de voltar para dentro da casa (externa e interna) definir caminhos, metas e relacionamentos. Nesse cenário, a primeira coisa que ocorreu foi terminar meu contrato na UNIPAC, depois de uma experiência incrível em sala de aula. Pois então, a precarização do trabalho docente bateu em minha porta, e o contrato se encerrou, o Marllon também sentiu a sobrecarga de suas escolas e escolheu se dedicar somente ao Colégio Tiradentes. Com isso, voltamo-nos a nós mesmos, a primeira decisão foi: vamos comprar a nossa casa, sair desse apartamento primeiro, fomos morar em uma casa, não a nossa ainda, mas uma casa melhor. Essa nos acomodava e nos permitia ter contato com a natureza, com um jardim grande onde podíamos respirar. E foi aí que nos mudamos, aquietamos e voltamos para nós, isso já em janeiro. Quando veio março a pandemia já estávamos nesse processo de reclusão e, então, a pandemia, o *home office*, o trabalhar em casa e ficarmos sempre juntos.

Nesse momento, a decisão de ser mãe veio à tona e não podia mais ser adiada. Uma conversa que já nos sondava era a adoção, tínhamos a certeza de que um dia iríamos adotar. Os planos eram assim: filho biológico depois adotado, contudo a ordem se inverteu e em maio de 2020 entramos com os documentos de adoção.

Aí começa o capítulo da Bruna mãe. A partir do momento em que demos entrada nos documentos passei a me sentir mãe e o desejo de ser professora cresceu em mim. Novamente ressoa a frase: “a melhor profissão para uma mulher é ser professora” e a continuação dela: ter férias junto com os filhos, feriados, e estar sempre em família, poder acompanhar de perto o crescimento dos filhos. O que minha mãe sempre disse para mim e para minha irmã. Desde quando éramos crianças, ouvíamos essa frase, e, nessa fase da minha história, ela fazia ainda mais sentido para mim.

No Curso de Pedagogia, as atividades e as disciplinas práticas me animavam muito, as aulas sobre desenvolvimento infantil me ajudaram muito a pensar não somente nas salas que quero dar aula, como também no perfil do meu filho no processo de adoção, qual idade, o que eu vou vivenciar com essa criança, os desafios da faixa etária escolhida, o que ele vai aprender. Às vezes, pergunto-me como será a

vida dessa criança com dois pais professores; com certeza, incentivo ao estudo não faltará.

Dando sequência à trajetória, ainda estamos em 2020 e muita coisa mudou nesse ano: a casa, a decisão de ser mãe, o modo de agir mais interno e, então, o emprego. Com a pandemia e diante da instabilidade de uma política de governo, é óbvio que a política de prevenção a criminalidade seria afetada, sem audiências judiciais sem novos cumpridores e, com tudo fechado, sem cumprimento de alternativas penais fui demitida a CEAPA. Dessa vez estava muito mais tranquila, já esperava que isso fosse ocorrer. Isso porque quando eu terminasse o curso de Pedagogia, estaria mais calma centrada, a cada nova experiência de trabalho me sentiria mais fortalecida.

Então, tentei retornar à universidade, entretanto, com a pandemia diante do cenário da universidade particular, o ensino estava sucateado, além disso, meu contrato não foi renovado como eu esperava, ou seja, a esperança de trabalhar na área da educação era muito grande em mim, no entanto no mesmo dia em que estava cumprindo meu último dia na CEAPA, arrumando as caixas e fechando a unidade junto a duas outras profissionais da equipe multiprofissional, recebo um telefonema da Santa Casa de Araguari, o hospital que atende a Covid-19.

2.6 Na Pandemia da COVID-19

E um novo capítulo se inicia nessa jornada. Encarei esse novo desafio e me inseri num espaço novo, parece que revivi tudo o que vivi anos atrás quando fiz estágio na área da saúde, crises do pânico, ansiedade, medo, a certeza de que este não é o lugar que quero estar. Isso me ocorreu também porque, em dezembro, no Natal, Réveillon e ficar longe dos meus familiares, trabalhando muito. A sensação era de estar em um ambiente de trabalho em que não me sinto pertencente, mas que sou boa no que faço e tenho a certeza da diferença que faço na vida dos pacientes e familiares. Na ocasião, eu estava atendendo três UTIs adulto, uma UTI neonatal, pediatria, enfermaria e pronto atendimento. Sim, eu estava sobrecarregada, cansada e sem contar a pressão de estar no ambiente do Covid, colocando-me em risco e colocando meu marido, minha família em risco. No hospital, o tempo todo tive que respirar, vários momentos pensei em desistir e mais uma vez fortaleceu em mim meu objetivo: ser professora. No fim de ano, feriados e finais de semana, eu não parei de

trabalhar, mesmo que eu não estando no hospital meu telefone não para: é a noite, de madrugada, a qualquer momento eles podem me ligar e me demandar.

Pequenos respiros, poucas vitórias, muita terapia e yoga me sustentam nesse ano. Finalizamos em outubro de 2020 o processo de adoção, fomos habilitados, entramos na fila e recebemos muito amor e carinho de todos ao nosso redor, o que nos dá a certeza da escolha correta no momento correto, também tomamos a decisão de comprar um terreno e começar a construção da nossa casa própria. Inúmeros desafios nos uniram e nos fizeram crescer muito enquanto casal.

Outro ponto de luz nesse caminho foi o início do estágio no Curso de Pedagogia, o ambiente escolar me faz muito bem, alegra-me e me acalma, mesmo que diferente, em pandemia. Ainda assim, estar na APAE com a diretora me dá esperança de que em breve estarei em uma escola como professora e não mais estarei no hospital.

Essa primeira experiência de estágio na APAE foi muito significativa, porque tive contato com a educação inclusiva de perto, apreciei uma atuação multiprofissional, percebi ali como é o trabalho do pedagogo e da assistente social juntos, com uma equipe maior por trás. Contudo, alinhar minhas duas profissões ali num mesmo espaço escolar é sim um sonho. A experiência do trabalho do pedagogo na gestão também foi nova para mim e também é uma área com muito potencial.

Começamos 2021 com um pouco mais de vitórias e nova rotina: começo sendo vacinada, o que representou um alívio em meio a tanta dor. Continuar no hospital só é possível pensando: esse é o último ano, o ano que vem vou me formar. Por isso, mudar meu ambiente de estágio me trouxe novas perspectivas na educação. Uma nova realidade do Centro de Educação Municipal Hermenegildo Marques Veloso tem me possibilitado o contato com profissionais inspiradoras, mulheres, mães que estão realmente me ensinando muito e, apesar do dia corrido, nas manhãs que passo na escola, tenho oportunidade de aprender muito. Sinto-me aliviada de pensar que não é um ambiente tenso ou cansativo, estou ali aprendendo e tomando todos os cuidados devido à Covid-19. Apesar de não ser um espaço completo, devido ao número muito reduzido de alunos, a vivência com eles e com os demais professores tem me colocado a certeza de que realmente a profissão que escolhi para seguir cativa minha alma e meu coração.

3.0 DISCUSSÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Por meio da história acima referenciada, é possível perceber, ao longo do tempo, o quanto a frase: “a melhor profissão para uma mulher é ser professora” impactou a vida de uma mulher, branca de classe média que, reconhecendo todos os seus privilégios e com muitas oportunidades de estudo, sempre percorreu o caminho profissional que levasse à chegada dessa profissão enquanto professora. Entretanto, essa busca não ocorre apenas no âmbito individual, percebemos na sociedade patriarcal em que estamos inseridos. A construção do papel de gênero também interfere no mercado de trabalho e escolhas profissionais. Souza (2008), defendendo a ideia de que as representações de gênero são culturalmente delimitadas e limitadas, destaca que “a categoria gênero revela o processo de modelagem social dos sexos na medida em que revela que o que chamamos de homem e mulher não é produto do sexo biológico” (p. 172).

Com relação à tendência das mulheres ao escolherem a profissão para a docência, a autora traz dados e levantamentos de pesquisas que apontam: “[...] que as mulheres têm consolidado sua presença na educação, seja como discente ou docente” (SOUZA, 2008, p. 175).

Em sua pesquisa, Souza (2008) indica que é possível perceber que as mulheres se conduzem em escolhas profissionais ligadas ao cuidado. Inclinação resultante da atribuição social do gênero feminino, para manutenção do sistema patriarcal, ao papel do cuidar, e, ao homem, o papel da administração e provedor do lar. Assim, é possível perceber que

[...] a média da concentração das mulheres em áreas voltadas para a saúde, a educação, a administração doméstica e o serviço social eram de 88,8%, revelando que as escolhas profissionais possuem um componente de gênero que as orienta. (Souza, 2008, p. 179).

Ao me remeter às minhas memórias percebo que, não apenas Bruna nos Cursos de Serviço Social e de Pedagogia, mas também outras mulheres de sua vida, sua mãe fisioterapeuta e professora, as amigas e companheiras de trabalho, de moradia, de curso, quando não são do curso de Serviço Social ou Pedagogia estão na área da saúde: terapia ocupacional, dentre outras que estão vinculadas ao cuidado. Isso significa dizer que, por muitos anos, a mulher esteve responsável pelo seu lar,

pelos seus filhos e foram educadas para tanto. O modelo de educação patriarcal, sexista reflete nas histórias e na escolha das profissões das mulheres até os dias atuais.

Nas sociedades pré-industriais, havia a divisão sexual do trabalho, mas não ocorria a separação entre homens e mulheres quanto ao local de trabalho. As funções eram exercidas todas no mesmo ambiente, não havendo separação entre os familiares e as de trabalho. As mulheres no campo trabalhavam na terra, na cozinha e criavam os(as) filhos(as), e nos povoados, conduziam o comércio de seus maridos (artesãos e pequenos lojistas). Ocorreu um significativo aumento das indústrias domésticas e domiciliares para a confecção de mercadorias, o que em princípio não ocasionou quebra no padrão anterior, nem separação entre domicílio e local de trabalho, combinando a produção doméstica e a de fora de casa. (SOUZA, 2015, p. 477).

A inserção das mulheres no mercado de trabalho, bem como toda família inclusive crianças durante o período industrial faz parte da estratégia do modo de produção capitalista, de modo que:

O aproveitamento de homens, mulheres e crianças nas indústrias domésticas trouxe, como consequência, a diminuição da dependência da terra. Dessa forma, já não era mais necessário que o grupo social fizesse o controle do equilíbrio entre meios de produção e pessoas. A possibilidade de todo o grupo familiar poder exercer as funções ligadas à indústria – neste momento ainda no interior da casa, dá uma maior autonomia àquele grupo em relação à comunidade, favorecendo a superação da dependência exclusiva da terra como meio de subsistência. (SOUZA, 2015, p. 478).

Mas, conforme observado ao longo do trabalho, a mulher mesmo que inserida no mercado de trabalho continuou responsável pelas atividades domésticas e cuidado com o outro, ou seja, ao longo do memorial, é possível perceber quantas mulheres estiveram nos bancos universitários e depois no mercado de trabalho buscando construção de si mesmas enquanto profissionais. Todavia, sempre tentando conciliar o trabalho com a família, com filhos, com o cuidado da casa.

Portanto, quando a frase: “a melhor profissão para uma mulher é ser professora” é dita, ela carrega o significado e a necessidade de conciliação do mundo doméstico com o mundo do trabalho, sobre isso destaca-se a realidade da maioria das mulheres com dupla ou tripla jornada de trabalho.

Apesar do nível de instrução, além das atividades profissionais, muitas mulheres acumulam outras responsabilidades como donas de casa, esposas, mães etc. Isso implica dupla ou tripla jornada de trabalho, sendo que o

trabalho desenvolvido na esfera doméstica não é remunerado. (SOUZA, 2008, p.183).

Particularmente, na descrição das minhas memórias, eu via como vantagem tirar férias junto com os filhos, ter horários parecidos trabalhando meio período, o que significa encontrar a melhor forma de administração e conciliação dos papéis de mãe e de profissional.

Sendo assim, é necessário estarmos atentas ao fato de que esse não é um processo individual, que aparece apenas nesse memorial, ele é a representação de uma cultura e de um modelo de sociedade que determinam nossos comportamentos e escolhas profissionais. Segundo Souza, (2008) a reflexão desse ciclo implica repensar o processo de socialização de homens e mulheres e sua relação com a produção das desigualdades sociais.

Nesse processo, separava-se a fábrica, local de produção de valor – que produz valor novo, essencial, no capitalismo, para a produção da mais-valia –, do domicílio, local de reprodução da vida em que se reproduz, não se cria valor novo, não se extrai mais-valia. Ao separar esses mundos, valorizando moralmente o mundo da produção e tornando o da reprodução ideologicamente desvalorizado, o capital garantia ambos, enquanto dividia ao meio a classe trabalhadora entre homens e mulheres, e não remunerava as essenciais tarefas de reprodução. O trabalho da mulher continuava a existir, mas subsumido pelas atividades exercidas pelo homem fora de casa. Essa separação em que às mulheres coube a casa – excluídas, assim, da economia dominante, isto é, do sistema de assalariamento – reforça a opressão por meio desta nova dependência econômica (SOUZA, 2015, p. 479).

A inserção da maior parte das mulheres no mercado de trabalho em profissões com os cuidados e com a educação representou, portanto, uma extensão do ambiente doméstico, atendendo aos interesses capitalistas. Quando pensamos no ambiente escolar, na sociedade capitalista temos que:

Um corpo escolarizado é capaz de ficar sentado por muitas horas e tem, provavelmente, a habilidade para expressar gestos ou comportamentos indicativos de interesse e de atenção, mesmo que falsos. Um corpo disciplinado pela escola é treinado no silêncio e num determinado modelo de fala; concebe e usa o tempo e o espaço de uma forma particular. (LOURO, 2000, p. 16).

A construção da imagem do que é permitido à mulher, diz respeito ao modo como o gênero é utilizado na conformação das práticas sociais. Para Louro (2000, p. 40), o gênero não é uma simples categoria analítica; ele é, como as intelectuais

feministas têm crescentemente argumentado, uma relação de poder, assim, padrões de sexualidade feminina são, inescapavelmente, um produto do poder dos homens para definir o que é necessário e desejável — um poder historicamente enraizado.

Nesse sentido, temos, no decorrer do tempo, a determinação pela sociedade de que espaço as mulheres ocupam, o que ocorre de maneira sutil e faz-se necessário para manutenção do modo de produção capitalista. O que pode ou o que não pode ao corpo feminino, segundo a autora diz respeito a uma relação de poder, o que aparece muito no contexto do trabalho. A construção que interessa ao mercado e a perpetuação do poder masculino liga a mulher:

[...] a nova percepção da sexualidade feminina e da biologia reprodutiva tinha sido absolutamente central para o moderno discurso social e político, pois enfatizava a diferença e a divisão, ao invés da similaridade e da complementaridade. (LOURO, 2000, p. 41).

Ao longo da escrita das minhas memórias, também percebemos a dificuldade das mulheres em se inserirem no mercado de trabalho majoritariamente masculino. No caso, temos na história outra história que perpassa, que é o exemplo da Letícia, minha irmã que algumas vezes foi referenciada no memorial, que fez engenharia e, depois de formada, ficou algum tempo desempregada, e, quando se vê nessa situação, ela parte para cursar o mestrado e para a profissão docente. Mesmo com a formação em engenharia seu primeiro emprego, foi a uma escola estadual para dar aula de Matemática. Letícia se destacou na profissão e foi convidada para dar aula em outras escolas. Ela acabou ingressando no mestrado. Assim, percebemos que a inserção na docência por essa mulher também não foi por acaso. Nessa linha de raciocínio, destacam-se os estudos de SOUZA, 2008 que revelam que:

[...]a média da concentração das mulheres em áreas voltadas para a saúde, a educação, a administração doméstica e o serviço social era de 88,8%, revelando que as escolhas profissionais possuem um componente de gênero que as orienta (SOUZA, 2008, p. 179).

Ao contrário das profissões na área das Exatas, a autora afirma que: “nas engenharias e nas ciências exatas as mulheres aparecem em número bastante inferior ao de homens, repetindo o que já se verificou na graduação” (SOUZA, 2008, p. 179).

Percebemos que os fatos que lembramos, as histórias que se cruzam nos ilustram um fator histórico, uma relação que vem de anos sendo reproduzido:

[...]as relações de gênero não nos remetem apenas quantificação de mulheres que exercem a profissão, visto que essas relações são histórica e socialmente produzidas, corroborando para a produção de práticas masculinizantes e feminilizantes, estabelecidas conforme as concepções de cada sociedade (SANTOS, 2008, p.30).

A concepção de gênero é construída pela sociedade e pelas vivências dessas mulheres, temos que ter em mente que “A sociedade impõe padrões e cria representações sobre a figura do homem e da mulher.” (SANTOS, 2008, p.32). Essas diferenças entre o homem e a mulher vão além do biológico como visto nos outros textos, “são criações históricas, sociais e culturais que vivem em permanente mutação, e que definem os comportamentos masculinos e femininos” (SANTOS, 2008, p.31).

Com as reflexões aqui realizadas, buscamos refletir não apenas de maneira individual, centrada em uma história, pelo contrário, por meio do relato das memórias pessoais, realizamos o exercício de pensar e refletir sobre a história das mulheres na sociedade e na luta que se faz para nossa inserção no mercado de trabalho, para a nossa inserção onde quisermos e quando quisermos, o que representa uma resistência ao modelo sexista e patriarcal da sociedade capitalista.

É importante que, enquanto mulheres, professoras ou quaisquer profissionais que atuemos, estejamos cientes do processo histórico e dos comportamentos que estamos reproduzindo. Com todo esse trabalho realizado, quer dizer que deixaremos de atuar nas profissões de cuidado? Não. As reflexões aqui realizadas não têm por intenção questionar as escolhas realizadas, contudo conscientes desse processo histórico, podemos assim expandir nossas lutas por melhores salários, por mais valorização da profissão, pois sabemos que tudo isso influencia e é influenciado num processo dialético na sociedade do capital.

4.0 CONCLUSÃO

O presente trabalho de conclusão de curso foi construído com objetivo de refletir sobre a inserção das mulheres no trabalho docente, por meio do referencial teórico percebemos um processo histórico complexo que por muito tempo atribuiu-se à mulher a tarefa de cuidar e que, conseqüentemente, levou muitas mulheres ao caminho da docência. Ainda temos hoje resquícios desse movimento, embora saibamos que existe, predominantemente, um número maior, ao longo de toda educação básica, de profissionais mulheres na docência do que homens.

Além disso, concluimos que vários fatores contribuem para que os cargos na docência sejam ocupados por mulheres numa sociedade machista, patriarcal, o que levanta outras questões para pensarmos, tais como a desvalorização de áreas predominantemente femininas e o modo como a produção capitalista utiliza-se da presença desse grande quantitativo de mulheres na docência e em profissões relacionadas ao cuidado.

O título desse trabalho, bem como todo ele, nasce junto com a inspiração para tanto que foi a vivência de uma mulher em particular: minha mãe. Ela que é professora e muito inspirou minha escolha pelo curso de Pedagogia tal qual a produção desse trabalho, com uma frase que ouvi desde pequena e ainda é ela que ressoa em minha mente: “a melhor profissão para uma mulher é ser professora”. Ao longo do trabalho desvelei um pouco do significado da frase, ultrapassando o seu significado em minha jornada e refletindo-a no contexto social e cultural mais amplo.

Espera-se que as reflexões aqui realizadas contribuam para a produção de reflexões não apenas de maneira individual, mas sobre a história das mulheres na sociedade e a luta que fazemos para a nossa inserção no mercado de trabalho onde quisermos e quando quisermos, o que representa uma resistência na sociedade capitalista.

Sendo assim, importante enquanto mulheres, professoras ou qualquer profissão que estivermos estarmos cientes da integralidade do processo histórico e de todos esses comportamentos que estamos reproduzindo, com o presente trabalho realizado, quer dizer que deixaremos de atuar nas profissões de cuidado? Não, as reflexões aqui realizadas não têm por intenção questionar as escolhas realizadas, mas conscientes desse processo histórico podemos assim expandir nossas lutas por

melhores salários, por mais valorização da profissão pois sabemos que tudo isso influencia e é influenciado num processo dialético na sociedade do capital.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2015

LOURO, Guacira Lopes. Org. O CORPO EDUCADO. **Pedagogias da sexualidade**. 2ª Edição, Autêntica, Belo Horizonte 2000.

RIBEIRO, Paula Regina Costa, MAGALHÃES, Joanalira. (Org). Entrevista com Teresa Vilaça. *Revista Diversidade e Educação*, v.9, n. Especial, p. 5-7, 2021.

SANTOS, Elizabeth Ângela dos. **GÊNERO E PROFISSÃO DOCENTE: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS ALUNAS EGRESSAS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA/UNESP, CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE**. **Dissertação de mestrado** apresentada ao programa de pós graduação em educação da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho-Unesp. Presidente Prudente. 2008

SILVA. Elenita Pinheiro Queiroz. **A invenção do Corpo e seus abalos: diálogos com ensino de biologia**. Tese de doutorado apresentado ao programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal de Uberlândia, 2010.

SOUZA, Sandra Duarte. **Educação, trabalho e socialização de gênero: quando ser mulher pesa mais na balança da desigualdade social**. *EDUCAÇÃO & LINGUAGEM* • ANO 11 • N. 18 • 170-185, JUL.-DEZ. 2008.